

Expressões populares e seu surgimento na imprensa

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo discute o sentido original de algumas expressões populares brasileiras, indicando também a datação de seu surgimento na imprensa nacional.

Palavras Chave: expressões brasileiras. uso. datação. sentido.

Abstract: The article discusses the original meaning of some popular Brazilian expressions, also indicating the date of their first appearance in the national press.

Keywords: Brazilian idioms. usage. datation. meaning.

Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Este artigo, parte de um futuro Dicionário de Expressões, é dedicado a comentar o sentido – e, na medida do possível, datar a aparição na imprensa brasileira – de algumas locuções que, há muito, andam na boca do povo.

Para a elaboração desses (alguns muito abreviados) verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta on-line de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, no início do século XIX. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e o Estado da Federação do qual ela procede.

7 expressões tradicionais para situações difíceis e desafiadoras: “osso duro de roer”, “parada dura”, “jogo duro”, “bicho de 7 cabeças”, “pega pra capar”, “um Deus nos acuda”, “caso sério”

Ao tratar de palavras ou expressões sinônimas, devemos considerar a sábia advertência de Houaiss: não se trata necessariamente de identidade de significado, mas de “semelhança de significação que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença”. Assim, se dissermos que “casa”, “residência”, “lar”, “domicílio” e “morada” são palavras sinônimas – todas se referem ao mesmo imóvel na rua tal, número tal – temos que ter em conta que é mais adequado chamar o Programa Social de “Minha casa, minha vida” (e não “Meu

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Membro do Corpo de Redatores do Grande Dicionário Houaiss. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br.

domicílio...”), como também a Prefeitura não cobra IPTU sobre “o meu lar” e as entregas são feitas “em domicílio”.

No entanto, podem se dar diversos contextos em que os sinônimos sejam intercambiáveis. Naturalmente, são os – por vezes sutis – modos consuetudinários que indicarão, em cada caso, qual expressão devemos empregar. Dito isto, examinemos nossas expressões.

“Osso duro de roer”. Metáfora que, naturalmente, aponta para uma dificuldade resistente – situação ou pessoa –, difícil de ser vencida.

Assim, um típico exemplo, vem estampado em caricatura de “O Malho”, deputados obscuros afirmam que aprovar suas emendas – múltiplas e oportunistas – é muito difícil, pois o apertado Orçamento é “osso duro de roer”, e reclamam da Imprensa que os critica (“solta os cachorros”) continuamente:



(“O Malho” RJ, 15-11-1914)

A expressão, muito antiga, surge na BN – a propósito da dificuldade de se lidar com certo parlamentar – em meados do século XIX e logo se difunde, permanecendo até hoje.

Discutiram também o orçamento da marinha os Srs. Carvalho Moreira, capitão-mór da Jacoca, e o homem dos dous diplomas. Este senhor ainda insiste em contrariar o Sr. Paula Souza fazê-lo passar por *mentiroso*. Muito se soffre neste valle de lagrimas! O Sr. Paula Souza sujeito a atturar o Sr. Penna, é osso duro de roer!
(“Correio Mercantil” RJ, 06-03-1850)

“Parada dura”. “Parada”, em um de seus significados é “17 B; informal. palavra-ônibus que engloba, entre outras acepções: 17.1 ocorrência, evento, caso <essa parada

não dá para eu encarar” (Houaiss). Assim, “parada dura”, é uma situação difícil, obstáculo que não é fácil de superar.

A expressão surgiu na BN em 1929 e rapidamente tornou-se muito comum. Sua primeira aparição na BN vem acompanhada de aspas (indicando ser, então, gíria recente) e dá-se em contexto futebolístico:

- Então, antes de sua partida, queríamos saber como vae ser o jogo com o Vasco?
 - Vae ser uma “parada dura”. Ganhará quem jogar mais.
- (“Rio Sportivo”, 14-10-1929)

Pela ideia de força, resistência e competitividade, a expressão foi escolhida, em 1973, para nomear um dos mais importantes grupos musicais de música sertaneja, o “Trio Parada Dura”.

“Jogo duro”. Já aparecia na BN há cem anos, naturalmente referindo-se a “matches” futebolísticos, como na expectativa de um clássico das competições de equipes amadoras do Rio:

- Vencerá o Villa!
- É o que afirma o Cesar, o valoroso guardião do team do Boulevard.
- Não resta duvida que vae ser um jogo “duro”, dada a tradicional rivalidade existente entre os dois adversarios de hoje, que de ha muito não se encontram no grammado.
- (“Rio Sportivo”, 12-06-1927)

Em 1958, já encontramos a expressão usada como metáfora política:

- Em São Paulo, o candidato do PSD, sr. Ulisses Guimarães, entra num jogo duro na condição de reserva – e começa a se convencer de que pouco valerá suar a camisa.
- (“O Mundo Ilustrado” RJ, 14-05-1958)

A expressão, por vezes, é empregada em difíceis processos de negociação:

- JOGO DURO**
- Os administradores da Aços Finos Piratini vinham fazendo corpo mole em relação ao processo de privatização da siderúrgica e ontem o Ministério da Infra-Estrutura resolveu afastar dois diretores. Foi um primeiro aviso.
- (“O Globo” RJ, 15-11-1991)

“Bicho de sete cabeças”. Quase bicentenária na BN, a expressão – alusiva à Hidra de Lerna – indica uma situação assustadora, mas talvez vista com exagerada dificuldade ou temor. Seu surgimento na BN já é nessa linha:

- Sobretudo se hão-de recordar da acusação intentada contra um Artigo Comunicado que publicámos e tinha por título – O Véu do Misterio está rôto –. Mas porque os Brasileiros não tenham já tão presente esse

artigo que se lembrem de suas palavras e espirito, e se não pense que era elle – algum bicho de sete cabeças –, nós de novo o publicamos (...) (“O Sete d’Abril” RJ, 04-01-1837)

“Pega pra capar”. A metáfora – inspirada na estridência dos porcos ao serem capturados para castração – indica uma situação de confronto intenso, briga violenta, disputa acirrada ou de emergência crítica.

A expressão “pega pra capar” é também quase bicentenária na BN (primeira aparição em “O Sete d’Abril” RJ, 01-02-1834). Ao longo de todo o século XIX é usada somente no sentido de agressão generalizada (diríamos hoje: “cair de pau”) sobre um indivíduo (ou um grupo). Só no começo do século XX, passou a significar também “tumulto generalizado”, como aparece claramente, por exemplo em “A Praça de Santos”, de 02-08-1928: houve “vultoso furto em armazém das Docas” (mais um de tantos) e é certo que há funcionários envolvidos, mas:

É claro que na hora do “pega pr’a capar” ninguém aparece.

(um) Deus nos acuda. Expressão antuquíssima usada para indicar situações de emergência e caóticas. Aparece na BN em 1825, referindo-se a uma confusão no Parlamento, causada por políticos de má índole, um missivista conclui:

A tal sucia foi hum Deus nos acuda.
 (“Imperio do Brasil – Diario Fluminense”, 03-01-1825)

Caso sério. “Caso sério. 1. Pessoa ou ocorrência que exige especial atenção por problemática: ‘a doença desse rapaz é um caso sério’. 2. Pessoa ou ocorrência notável por sua excepcionalidade (em sentido positivo ou negativo): “os encanamentos desse edificio são um caso sério’, ‘ela é muito linda, um caso sério!’” (Houaiss).

A locução, muito comum, intitula um dos maiores sucessos de Rita Lee: “Você e eu somos um caso sério” (no “caso”, com a ambiguidade da palavra “caso”...).

Expressão antiquíssima, tem já mais de 200 anos na BN, sempre foi muito usada coloquialmente e também na imprensa nacional.

Após uma primeira aparição na “Gazeta do Porto” (09-11-1820), nos anos 1830 contará já com 20 ocorrências em jornais brasileiros.

30 Provérbios já vigentes há 200 anos

Há provérbios que permanecem atuais por séculos – ou até mesmo por milênios, como é o caso de muitas sentenças bíblicas que se tornaram proverbiais. Outros, porém, não resistem ao tempo e caem no esquecimento. Na imprensa das décadas de 1820 e 1830, encontramos alguns provérbios – ainda usados hoje – que nos surpreendem pela sua antiguidade:

Dos “Annaes do Parlamento Brasileiro”:

O segredo é a alma do negócio (1826)

Da calúnia sempre fica alguma coisa (1832)

Quem foi rei nunca perde a majestade (1833)

Do “Diario da Camara os Senadores”:

A corda sempre arrebenta do lado mais fraco (1830)

O bom filho à casa torna (1832)

Da “Aurora Fluminense”:

Mais vale um mau acordo [ruim composição] do que uma boa demanda
(08-03-1830)

Ouviu cantar o galo, mas não sabe onde (21-01-1835)

Mais vale [antes] um pássaro na mão do que dois voando [no ramo]
(27-11-1835)

Da “Astrea” (RJ):

Promessa é dívida [o prometido é devido] (12-07-1827)

Quem cala consente (27-09-1828)

Matar dois coelhos com uma cajadada (23-12-1830)

Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se [não] acabe (06-
08-1831)

Do “Imperio do Brasil: Diario Fluminense”:

O hábito não faz o monge (08-01-1825)

Do “Universal” (MG):

Vox populi, vox Dei (20-07-1825)

A mentira voa, a verdade engatinha [anda de muletas] (06-11-1835)

Do “Astro de Minas”:

Quem canta, seus males espanta (22-03-1828)

In medio virtus (17-09-1835)

Quem conta um conto, acrescenta um ponto (15-02-1837)

Do “Imperio do Brasil: Diario do Governo do Ceará”:

Não se faz omelete sem quebrar os ovos (01-07-1823)

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura [tanto dá a agua na pedra até que a quebra] (03-07-1824)

Do “Diario de Pernambuco”:

Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão [Quem furta a ladrão tem cem anos de perdão] (16-06-1832)

Mateus, primeiro os teus (05-05-1834)

Não há surdo pior do que aquele que não quer ouvir (29-10-1834)

Presunção e água benta, cada qual toma a que quer [o que lhe parece] (20-05-1835)

Do “Correio Braziliense” (Londres):

]Em casa de enforcado [ladrão], não se fala em corda (julho de 1815)

Do “Diario do Rio de Janeiro”:

Em casa de ferreiro, espeto de pau (03-06-1828)

Paciência de Jó (23-02-1835)

Mais vale [faz] quem Deus ajuda do que quem cedo [muito] madruga (15-03-1839)

Do “A Verdade Constitucional” (RJ):

Quem diz as verdades perde as amizades [*Veritas odium parit*] (16-03-1822)

Do “Honra do Brasil” (RJ):

Uma mão lava a outra (No.12, 1828)

Apitar perigo de gol

Quando o juiz marca uma falta, o comentarista especifica o tipo: “mão na bola”, “posição irregular”, “entrada violenta” etc.

Porém, para uma infração – muito duvidosa ou inexistente – que foi assinalada, a crônica esportiva inventou uma jocosa e aguda expressão, com um toque de veneno: o árbitro (talvez faccioso?) apitou “perigo de gol”.

A locução surge na BN no final da década de 1960, na coluna de Milton Ribeiro:

A bola veio do córner. Um banguense, na altura da marca do pênalti atrasou-a um leve toque. Colocado junto ao poste direito e tendo a sua esquerda Rosan, Paulo César viu e tentou o chute. A bola passou e – quando já ia no impulso da furada – Paulo César derrubou Dé. Nenhuma intenção de atingir Dé. E, acima de tudo, nenhuma chance de Dé apanhar a bola pra fazer o gol. Armando Marques, bem ao lodo, apitou pênalti. Para nós, Armando apitou perigo de gol, embora sem intenção.
(“O Jornal” RJ, 06-05-1969)

Correr por fora

Uma das tantas metáforas que o uso comum tomou do turfe: “correr por fora” significa que um cavalo vai pelas raias mais externas, enfrentando uma distância maior, mas evitando – para a reta final – o tumulto do meio da pista. Fornece metáfora ideal, por exemplo, para uma “corrida” eleitoral, na qual um candidato está fora do grupo dos mais cotados, mas mantendo a possibilidade de crescer e surpreender, conquistando votos ao longo da campanha.

A expressão surge na BN no final do século XIX, quando a imprensa começa a comentar as corridas de cavalo:

Foi uma carreira bem disputada. Dextrina, montada por Bento Marques, saiu na ponta, seguida de Thessalia, Foxall, Mistella e Ninon. Dextrina conservou a ponta até a entrada da recta. Ahi foi batida por Thessalia. Mistella, que vinha no alcance habilmente dirigida por Francisco Luiz, emparelhou com Thessalia batendo-a e chegando ao vencedor, ganhando apenas por cabeça de Ninon, que, apesar de sua saída, fez grande esforço na recta correndo por fóra. (“Gazeta de Noticias” RJ, 12-11-1888)

O “Rei da Voz”, o cantor Francisco Alves, talvez tenha sido o primeiro a lançar a expressão em sentido figurado, ao comparar sua carreira a uma corrida de cavalos:

Eu sou assim... Comecei modestamente. Tão modestamente, que nem mesmo chamei a atenção dos “maiores” da época. E foi muito bom. Porque, quando eles abriram os olhos, eu já era um concorrente muito forte no “pareo”. Foi uma “largada” sensacional. Fiz as minhas primeiras exhibições pelos suburbios, isto é, comecei “correndo por fora”. Mas, na “reta final”, eu apareci de repente. “Atropelei” o “lote” dos “favoritos” e “passei o vencedor” com “muitos corpos” de vantagem. Foi uma “barbada”... Eu sou assim. (“Jornal das Moças” RJ, 23-03-1939).

Dez anos depois, “correr por fora” já aparece como metáfora política de eleições: não esqueçamos que, em inglês, “to run” é tanto correr quanto disputar uma eleição e nosso “concorrer” é etimologicamente “correr juntamente” (Houaiss).

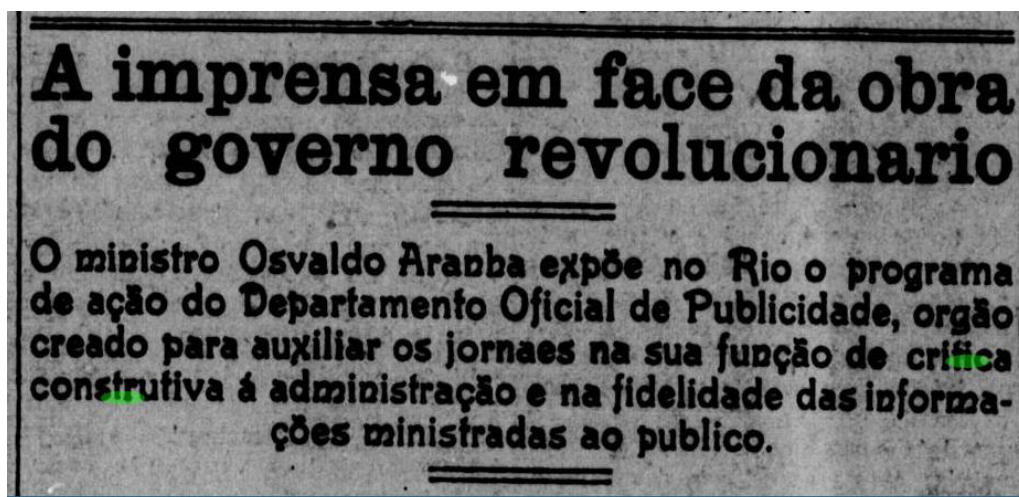


(“Diario da Noite” RJ, 26-09-1949)

Crítica construtiva

A expressão surgiu na BN, em 1931, de um modo extremamente revelador: como brilhante eufemismo criado para anunciar nada menos do que o sentido da criação do Departamento Oficial de Publicidade do Governo Vargas, cinicamente alegando como sua missão: “auxiliar os jornais na sua função de crítica construtiva à administração e na fidelidade das informações ministradas ao público”.

O DOP – que logo evoluiria para o infame DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda mostrou assim (na própria descrição de si mesmo) sua elevada “competência”, já ao nascer...



(“Diario de Pernambuco”, 05-07-1931)

Faca de dois gumes

A expressão é usada para descrever situações, falas ou ações que podem trazer benefícios, mas também causar prejuízos ou problemas, possivelmente até para quem age. Por exemplo: “Falar a verdades é uma faca de dois gumes: é a atitude correta, mas pode atrair ódio”.

Aparece por primeira vez nesse sentido na BN, em 1859:

Os homens do Espectador, porém, que tanto applaudiam a condição – *Junqueiririna*, absurda, inconstitucional, e prejudicialissima, e que dela tanto abusaram com as vestes de um pobre meirinho, logo que viram que a faca de dous gumes os feria, em vez de fazerem rescindir o contracto de seu manivela, para destruirem as armas com que já não podiam jogar, e terem a typographia de Leite livre desse embaraço, ao contrario, requintando em maledicência, invertem a verdade, e mandam

levantar um brado unisono, forte e vibrante em favor da liberdade da imprensa, que consideraram suprimida!
(“O Propagador” PI, 09-04-1859)

Homossexual

Embora a palavra “homossexual” tenha sido cunhada no século XIX, sua primeira aparição na BN data de 1939². Considerando o notável interesse documental e histórico dessa notícia, publicada na primeira página do “Correio da Tarde” de Santos, em 12 de janeiro de 1939, julgamos oportuno reproduzi-la aqui.



“Cabeça de côco” é designação pejorativa de policial, pelo seu capacete...

Aos primeiros minutos de hoje, em frente à redação do “Correio da Tarde”, registrou-se um facto profundamente desagradável, testemunhado por nós.

A praça da República é um lugar já conhecido como ponto de actividade dos invertidos. A polícia sabe disso e não toma providencias, mesmo porque, ainda não se registrou nenhum caso com essa gente.

Um guarda-nocturno, o de n. 19, de serviço em frente à nossa redação resolveu, por alta recreação, efectuar a prisão de um “homo-sexual” mais conhecido pela alcunha de “Caroço”. Deu-lhe voz de prisão e deixou que outros fugissem.

². Se desconsiderarmos uma ocorrência isolada em tradução de notícia estrangeira em 1933.

“Caroço” é um typo gozado. Tem a mania de fazer escândalos. Já há dias, provocou correrias na praça Ruy Barbosa, por querer fugir da polícia.

Quando o “cabeça de côco” deu-lhe voz de prisão, o invertido começou a dizer que não ia para a Regional. E atirou ao rosto do vigilante nocturno alguns palavrões. Para mostrar a sua força, o guarda 19 agrediu o preso com o bastão. Desferiu-lhe violentas pancadas.

“Caroço”, que tem um physico athletico, entrou em luta com o “cabeça de côco”, e chegou a domina-lo.

Nessa altura o reporter policial desta folha já estava entre os dois lutadores e conseguiu que o preso não resistisse.

Mas o guarda nocturno fazia questão de fazer uma demonstração de prepotência.

Apitou por socorro e arrebatou o infeliz preso das mãos do reporter para espanca-lo com o “casse-tete”.

Da sede da Guarda Nocturna saiu, a paisana, o guarda numero 2, que correndo em atitude aggressiva, vinha gritando: – “Metta o pau... Arrebente com esse miseravel...” Os dois mantenedores da desordem e o preso, rolaram pelo chão, numa confusão de pés, braços e cabeças.

Tudo violencias. Não havia necessidade de tanta exhibição de força. “Caroço” costuma a fazer barulho, mas fazendo barulho, deixa-se levar em boas maneiras...

A contenda teve fim com a intervenção de um soldado da Força Publica. Assim mesmo, os dois guardas nocturnos, os de n. 2 e 19, tentaram espancar o preso...

Não podemos crer que o sr. Miranda, chefe da Guarda Nocturna esteja ao par dessas violencias e deixe de reprimi-las. É necessario que esses abusos tenham um paradeiro, o que se conseguirá com castigos e instrucção.

Também a título de documentação histórica, recolhemos notícia da revista especializada “O Brasil Médico”, de 16 de maio de 1953:

Hormônios e Psiquiatria

Muitas vezes têm os psiquiatras voltado sua atenção para a questão da base endocrinológica da personalidade, esperando encontrar nos distúrbios hormonais a base dos distúrbios mentais. Em tempos idos a tireóide e a hipófise ocuparam importante papel nessa ordem de ideias.

(...)

Em número recente do “British Medical Journal” (4775, 62, 1952) Strauss, Sands e colaboradores relatam os resultados de duas experiências feitas sobre o tratamento de doentes esquizofrênicos e psicopatas com a deidrosoandrosterone, outra substância do grupo dos hormônios corticais.

(...)

Mais animadores foram os resultados obtidos com os grupos dos psicopatas. Esse grupo mostra-se muito mais promissor que o primeiro para o prosseguimento das experiências, e uma das feições mais

características e animadoras do tratamento tem sido a alteração do comportamento homossexual³ no heterossexual.

Jus sperneandi

O povo adora esculhambar com os eruditismos e os “latinórios” (por exemplo, do juridiquês do STF): os mais velhos lembrar-se-ão da genial publicidade, criada por Ary Barroso, do fixador Gumex: “*Dura lex sed lex*, no cabelo só Gumex” (em 1967, Oduvaldo Vianna Filho, usou-a como título de uma de suas peças).



E, no tempo em que o latim ainda era a língua corrente da liturgia da Igreja, a brincadeira era com o célebre versículo do Salmo 50 (51), o *Miserere*: “*Cor contritum, et humiliatum, Deus, non despicies*” [pronunciado: “despiches”] (Deus não despreza um coração contrito e humilhado). Na “tradução brasileira”: Couro curtido e molhado, nem Deus espicha”.

Jus sperneandi foi a expressão jocosa – “jus” significa “direito” em latim, enquanto “sperneandi” é uma forma inventada que remete a nosso verbo “espernear” – criada para para ironizar o comportamento de pessoas que insistem em reclamar mesmo quando isso já é totalmente inútil.

A piada é surpreendentemente antiga e frequente na nossa imprensa: sua primeira aparição na BN data de 1911, ante os protestos contra as impopulares medidas de desinfecção de casas – para diminuir a população de ratos no Rio de Janeiro – , impostas pelo ministro José Joaquim Seabra:

O honrado Ministro, cujo passado limpo lhe permite inteira liberdade de ação, resolveu dominar a epidemia, extinguindo-a no próprio foco, e entrou a anular concessões e a rescindir contratos. Foi um Deus nos acuda! Quando viram que a desinfecção era de verdade e não uma simples “fita”, começaram os inimigos da higiene a gritar contra o imprudente que os vinha incomodar e desalojar. Aliás, é natural que gritem. O callo está lhes doendo, e o grito alivia. De resto, não fazem senão usar de um direito liquido – o direito de espernear, que os

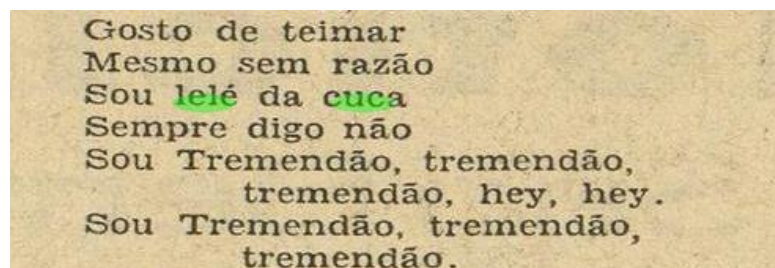
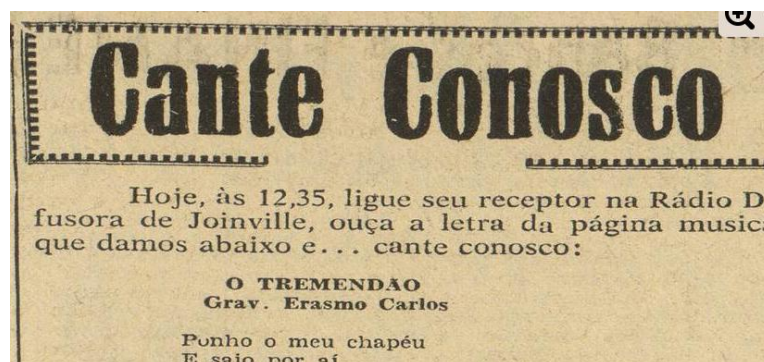
³. Tenha-se em conta que no Reino Unido, por exemplo, os atos homossexuais privados entre homens só foram descriminalizados em 1967.

Romanos chamavam *jus sperneandi* e que, parece, o estado de sítio, não suspende.
("Jornal do Commercio" RJ, 09-01-1911)

Lelé da cuca

Gíria surgida nos anos 1960, usada de forma jocosa para designar alguém “desregulado”, que age de maneira estranha, confusa ou fora do comum, geralmente inofensivo, com comportamento desorientado ou excêntrico.

A expressão popularizou-se também por meio do sucesso de Erasmo Carlos, a canção “Tremendão” (1967) – termo que viria a designar o próprio Erasmo –, cuja letra marca a primeira aparição da expressão na BN:



(“A Notícia” SC, 27-04-1967)

A expressão foi muitíssimo usada durante os anos 1970, tendo seu uso diminuído nas décadas seguintes, mas ainda hoje é, por vezes, lembrada e empregada em contextos informais.

Moleque, molecagem, molecada

“Moleque” é palavra antiquíssima no Brasil e já aparece nos primórdios de nossa imprensa. Suas primeiras ocorrências nos jornais são em seções de “Avisos” de escravos fugidos, como o seguinte, que inaugura a presença de “moleque” na BN. Quase um ano e meio depois da fuga, o senhor ainda oferece recompensa (“alviçaras”) pela sua captura.

vessa da *Alfandega* N.º 41
Em 12 de Agosto de 1807 fugio ao R. *Antonio Domingues Monteiro* hum moleque de nação *Angola*, Official de Capateiro, chamado *Joaquim*: he alto, tem o rosto redondo, dentes, e olhos grandes, e hum cicatriz em hum canella. Quem o achar, ou tiver noticia delle, dirija-se a *Antonio Alves de Araujo*, morador na Rua de *S. Pedro*, casas N.º 6, de quem receberá boas alviçaras.
(“Gazeta do Rio de Janeiro”, 01-04-1809)

As formas em diminutivo, “molecote” e “molequinho”, são também muito antigas na BN, como mostram os casos abaixo, em seções de “Vendas” e “Perdas”, respectivamente:

Quem quiser comprar hum molecote bem feito, e bom marinheiro; dirija-se ao armazem defronte da Praça do Commercio N.º 4.
(“Diario do Rio de Janeiro”, 19-01-1822)

Fugio no dia 8 de Junho hum Molequinho por nome José, de nação Cabinda, já Baptizado, tem de idade dez para onze annos, cara redonda e duas marcas grandes, hum no braço, outra na perna, ambas pela parte de dentro; levou por insígnia à jaqueta de Baetão, e humas silouras de algodão curtas, quem delle souber, ou achar o entregará a seu dono o Padre Antonio José de Carvalho na Ladeira de João Homem em casa de Manoel Ferreira Flores, e receberá seu premio.
(“Diario do Rio de Janeiro”, 22-06-1821)

“Molecada” e “molecagem” podem significar tanto bando de moleques como atos próprios de moleques, como em suas primeiras aparições na BN:

Estão loucos, repizo ainda, os Caramurús: até porque nas suas listas para Juizes de Paz apresentam sugeitinhos, que por si mesmos se dezacreditam; a maior parte dos seus propostos he molecada.
(“O Sete d’Abril” RJ, 16-02-1833)

Acontece, que todos os homens não reflectem como havia mister a promiscua tranquillidade, quando não ha educação ou leitura: então a esses, a quem ella falta, falta também a reflexão de que quando hum entretenimento nos desagrade, devemos preferir o deixa-lo ao incomodarmos aos mais, e a maior parte, com oppormos assim com destempero, e sem algum pudor, a molecagem, ou antes a capadoçagem, e formar hum ruido desagradavel, e à toda a luz ridiculo, e só proprio de canalha!!

(“Imperio do Brasil: Diario Fluminense”, 02-07-1827)

Basta, amigos, sejam obedientes no cumprimento das minhas ordens,
não façam das suas molecadas costumadas, que tudo está salvo.
 (“O Grito Nacional” RJ, 03-11-1852)

O moleque e o maluco.
Que molecagem, Dr. moleque? Em Campos e São João da Barra, nem
se quer hum voto! Como se derrota por este modo hum candidato
publicista, saquarema, e tão altamente protegido pelo *tio Zé*!
 (“O Patriota” RJ, 22-09-1849)

Morrer de amores

A expressão baseia-se no imenso poder do amor, uma força tão intensa que
pode causar sofrimento extremo. Isso fica claro no clássico poema de Santa Teresa de
Ávila, que misticamente relaciona amor e morte:

“Muero porque no muero” (“Vivo sin vivir en mí”) (c. 1575)

Vivo sin vivir en mí
y tan alta vida espero
que muero porque no muero.
Vivo ya fuera de mí
después que muero de amor,
porque vivo en el Señor,
que me quiso para sí;
cuando el corazón le di
puso en mí este letrero:
“Que muero porque no muero.”
(...)
¡Ay, qué larga es esta vida!
¡Qué duros estos destierros,
esta cárcel y estos hierros
en que está el alma metida!

Sólo esperar la salida
me causa un dolor tan fiero,
que muero porque no muero.
Acaba ya de dejarme,
vida, no me seas molesta;
porque muriendo, ¿qué resta,
sino vivir y gozarme?
No dejes de consolarme,
muerte, que así te requiero;
que muero porque no muero.

Como nem todos estão inflamados por esse amor tão arrebatador, não é de estranhar que a expressão seja frequentemente utilizada em forma negativa, “não morrer de amores”, como, aliás, já ocorre em sua primeira aparição na BN, há mais de duzentos anos:

Os Brasileiros bem sabem, que o Congresso de Laibac, e a Santa Alliança não morre de amores por elles; isto he opio do despotismo; que foi mandado de longe. Elles já vão abrindo os olhos; já desconfiam d’amisade do patricio intruso, que lhes chama filhos para os fazer escravos
 (“Idade d’Ouro do Brasil” BA, 03-12-1822)

No campo das expressões populares, também a beleza de algo ou alguém, em casos extremos, poderia ser tão intensa que pareceria capaz de acabar com a vida de quem a contempla: “lindo de morrer”. Essa expressão surge na BN em 17-11-1963, na coluna “Os Zés” de Sylvan Paezzo – conhecido autor de teledramaturgia – no “Correio da Manhã”: “De repente: zip! M. viu algo no céu lindo de morrer”. Em 1965, essa forma intensiva ganha muita popularidade na imprensa.

Mas por conta de tabu com a palavra “morrer”, logo em 1968 surgiu uma proposta de substituição na BN, em colunas sociais, por “lindo de viver”, que ganharia os anúncios de venda ou aluguel de imóveis. A grande promotora de “lindo de viver” foi Hebe Camargo, que repetia o bordão à exaustão, pensando assim estar reafirmando seu amor à vida... mas sem reparar que a nova forma não funcionava bem – do mesmo modo que não se pode substituir, digamos, “morrer de rir” por “viver de rir”.

Hoje, ambas as expressões estão em declínio: as últimas aparições de “lindo de viver” no Estadão foram em 2013, todas em anúncios imobiliários. No mesmo jornal, “lindo de morrer” foi escasseando, até uma última e isolada aparição em 2014. E praticamente o mesmo dá-se com as incidências das expressões na BN em geral.

Oiapoque ao Chuí

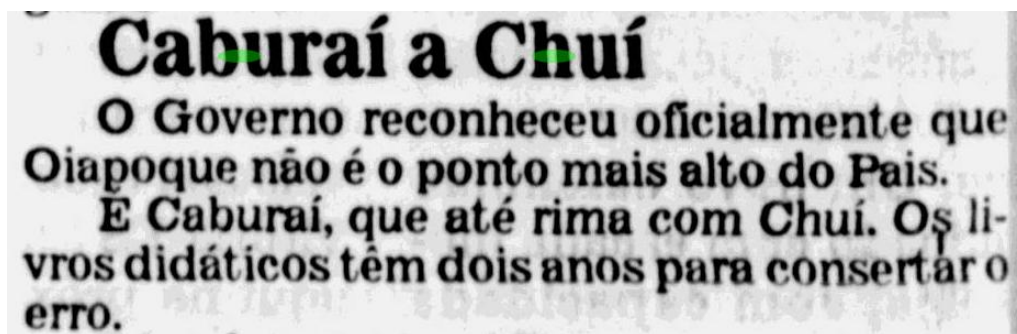
Contra a força da tradição, nem sempre evidências científicas prevalecem. Para designar o Brasil em sua totalidade – dos extremos Norte ao Sul –, surge em 1933 na BN a expressão “do Oiapoque ao Chuí”:

E a queda, meus amigos, do “Titan do Norte” [o assassinato de João Pessoa] foi o estopim queimado para a salvação da gleba querida.
Foi o prólogo da redenção nacional.
Um grito de revolta como uma formidável araponga se fez ouvir, despertando quarenta milhões de brasileiros do Oiapoque ao Chuí!
Era preciso vingar o nefando crime...
 (“O Combate” MA, 23-06-1933)

Especialmente a partir da década seguinte, a expressão mula espalhou-se rápida e intensamente pela imprensa de todo o país. No entanto, ela contém um erro geográfico: o extremo norte do Brasil é, na verdade – de acordo com estudos geográficos mais precisos – o Monte Caburaí, em Roraima, e não o Oiapoque.

A roraimense “Folha de Boa Vista”, bem que tentou lançar a expressão corrigida (a partir de 19-09-1990), “do Caburaí ao Chuí”. Contudo durante os anos 90, essa forma correta só obteve escassas seis ocorrências na BN, enquanto a tradicional “do Oiapoque ao Chuí” teve cerca de 450 ocorrências...

Em 1998, o governo dá um ultimato à velha expressão:



(“O Monitor Campista”, 09-09-1998)

Qual foi o impacto desse reconhecimento na imprensa? Entre 2000 e 2009, a forma oficial, “do Caburaí ao Chuí” teve 13 ocorrências na BN, enquanto a tradicional, “do Oiapoque ao Chuí”, apareceu 350 vezes!

Paciência. Tenha a santa paciência!

Chama a atenção o fato de que dentre as dezenas de virtudes que se requerem do cristão, nenhuma se consolidou tão fortemente em expressão com o adjetivo

“santa”, como a “paciência”. Teoricamente todas as virtudes poderiam se qualificar com “santa” e, por isso mesmo, não são necessárias expressões nesse sentido. Em alguns casos, cabe a distinção, como por exemplo em “santa ira” – aquela de Cristo expulsando a chicotadas os vendilhões do templo (João 2:13-22, Marcos 11:15-18 e Lucas 9:45-48), em oposição à ira que é pecado capital.

Bicentenária e muito frequente na BN, a primeira ocorrência da expressão dá-se em carta de um leitor, que, após elogiar o redator do jornal, adverte:

Vá indo assim, e deixe zunirem os zangões. Mas para que não fique pensando, que eu o insenso, dir-lhe-hei que estou para chamá-lo também à palmatoria; tenha santa paciência: a seu tempo lhe direi o motivo; eu sou velho, devo dizer o que sinto, e como sou seu amigo não o devo poupar. Deos o guarde.
 (“Imperio do Brasil” RJ, 03-07-1824)

Paciência de Jó. Expressão que aparece desde sempre na BN e é muito frequente na imprensa nacional. Jó é o paciente por excelência, a própria paciência personificada. A locução aparece pela primeira vez na BN em:

Quase que atinamos com o foco desta intriga: ella he nova; e se quizessemos agora mesmo declarar os seus agentes era de sobejo procurar-lhe a data, o que faremos se continuarem, pois nem sempre nos revestiremos de paciência de Job, para aturarmos os seus authores sem os expormos ao Juiz Publico.
 (“O Constitucional” BA, 03-06-1822)

Paciência beneditina. Se a paciência de Jó foi a de enfrentar todos os sofrimentos – desde o físico até as diversas perdas – a “paciência beneditina” é específica para a realização de trabalhos longos, rotineiros e sem brilho, como o dos monges copistas da Idade Média. A expressão surge na BN na primeira década do século XX:

Os frades de San-Bento eram frades *Benedetinos*, como quem diz, de San-*Benedito*; e de mim próprio, que não sou frade *bento* há quem diga que tenho paciência *beneditina*, para aguentar mais de sete *bajoujos*.
 (“Pacotilha” MA, 08-02-1916)

Parece que foi ontem

Frase feita, usada à exaustão na BN por mais de cento e setenta anos, em celebrações de aniversários de instituições, em suspiros saudosistas etc.

Na BN, a tradição começa com o colunista Alberca celebrando a décima segunda de suas Cartas ao compadre Pitorra (uma seção fixa do jornal):

PERIODICO DOS POBRES.

DECIMA-SEGUNDA CARTA DO COMPADRE MATIAS DE ALBERGA AO SEU AMIGO E COMPADRE PITORRA.

MEU PREZADO COMPADRE.

Ainda me parece que foi hontem que tive o gosto de lhe enviar as minhas cartas e para me afirmar

(“Periodico dos Pobres” RJ, 11-04-1850)

“Parece que foi ontem”, para o bem e para o mal: dentre os fatos do passado que nos têm assombrado por décadas, um dos mais marcantes foi o do *Maracanazo*. Por exemplo, o cronista esportivo Geraldo Romualdo da Silva escreve, quarenta anos depois:

E até parece que foi ontem

Como o tempo voa. Até parece que foi ontem. De repente a gente olha a folhinha e lá está: 16 de julho. E aí se recua para 1950, ano em que perdemos, debaixo do nosso nariz, a primeira e, enganosamente mais fácil, Copa do Mundo que já disputamos. Mais grave ainda: jogada em casa. A reação foi repúdio, a cruel sensação de que aquela derrota significava uma mancha vergonhosa.

(“Jornal dos Sports” RJ, 17-07-1990)

Pisar em ovos / campo minado

Pisar em ovos. Inicialmente, na BN a expressão era usada somente como sinônima de andar devagar ou furtivamente. Nesse sentido, aparece por primeira vez em um artigo sobre as diversas formas de “presunção” utilizadas pelas pessoas. E descreve um desses tipos de mulher:

Outra presume de bem feita, e garbosa, e anda aos pulinhos, pisando ovos, e saracoteando as anquinhas, que são muito suas, porque as comprou com o seu dinheiro.

(“Jornal do Commercio” RJ, 16-04-1834)

Somente mais de quarenta anos depois é que começa a ser usada como metáfora – do agir com cautela – para diversos setores da vida. Nesse sentido, foi, em 1878, empregada por primeira vez como metáfora política: e esse, então inusitado, uso figurado chegou a causar risos! Foi em um debate na Assembleia Provincial da

Bahia – do qual participou o jovem deputado Ruy Barbosa! – sobre um ruidoso caso que culminou com a queda do ministro José Bento:

O Sr. Rodrigues Seixas: – (O caso...) ao chegar à barra de um tribunal honrado, qual é o do character do Sr. José Bento, ahi esbarrou, e consumiu tanto o ministerio, que custou a demissão do pobre Sr. José Bento, que depois declarou na camara em linguagem um pouco titubeante, dizendo – meus senhores, estou pisando em ovos. (Hilaridade)

O Sr. J. Sodré: – E pisou sem quebral-os.

O Sr. Rodrigues Seixas: – E como foi demitido

O Sr. José Bento: – Da maneira a mais atroz.

(“Annaes da Assembléa Legislativa Provincial da Bahia” RJ, 1878)

A partir daí, a metáfora torna-se usual, como na caricatura do novo Ministro das Relações Exteriores – “o homem que vae d’ora avante pisar em ovos”.



(“O Gato” RJ, 17-02-1911)

Pisar em campo minado. Com a popularização da terrível arma das minas na Segunda Guerra Mundial, não/ é de estranhar que surgisse uma nova metáfora para o agir cuidadoso: “pisar em campo minado”. Assim, nas incertezas políticas após a morte de Getúlio Vargas, um editorial do “Jornal do Brasil” (RJ, 25-01-1955) intitula-se precisamente “Pisando em campo minado” e diz:

Não há solução, por mais alta que venha a colocar sua imparcialidade de magistrado à coberto de suspeitas. E' preciso caminhar com o maximo cuidado por esse caminho de minas explosivas que se tornou a política nacional.

Puxar o tapete

É uma expressão usada para descrever a ação de prejudicar alguém de forma inesperada, muitas vezes por meio de manobras sorrateiras, intrigas ou atitudes que desestabilizam emocional, social ou profissionalmente a pessoa ou instituição afetada.

A origem da locução vem da imagem literal de puxar um tapete debaixo dos pés de alguém, fazendo com que essa pessoa perca o equilíbrio e caia. Essa metáfora corporal e visual ajuda a compreender a sensação de surpresa e perda de estabilidade causada pela ação.

A expressão aparece na BN no contexto do conflito entre as Coreias do Norte e do Sul:

United Press – Os comunistas, aparentemente de propósito, alimentam as esperanças de pronta paz na Coréia, para depois deixarem os ocidentais cair com estrondo. No momento em que escrevemos, parece que se trata de uma armadilha visando converter a derrota em vitória, na mesa da conferência, dando aos ocidentais a impressão de que estão vencendo, para depois puxar o tapete, de baixo dos pés, marcando uma vitória diplomática.

(“Jornal do Commercio” RJ, 17-11-1951)

Vergonha na cara

A vergonha, assim o exige a consagrada fórmula, bicentenária na BN, é “na cara”. Reza a lenda, mil vezes repetida, que o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927) teria proposto um modelo de Constituição com os seguintes artigos:

Art. 1º Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha na cara. Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Na verdade, essa é uma versão floreada, “melhorada”, da sentença original, que é mais enxuta e de menos efeito, proferida em uma entrevista de Capistrano ao jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, publicada em 9 de janeiro de 1926. Em época de proposta de reforma constitucional, após se queixar de que querem atribuir os erros à lei, o historiador afirma simplesmente:

Eu proporia que se substituíssem todos os artigos da Constituição, decretando: “Artigo único: Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha”.

A frase não teve nenhuma repercussão na imprensa na época em que foi proferida. Ela só começa a ser lembrada (por vezes, com ligeiras alterações) na década de 30, até atingir a forma que se cristalizou na lenda, 30 anos depois, consagrada como epígrafe de um longo artigo de David Nasser na difundidíssima revista *O Cruzeiro*, em 14 de abril de 1956.

No artigo, Nasser enfatiza a vergonha com “na cara”. “Vergonha na cara” – a cara que deve se ruborizar – é expressão presente desde sempre na BN, onde aparece pela primeira vez em *O Imperio do Brasil* (Rio de Janeiro, 1º de julho de 1828):

Se se lembrasse disto, e do Officio que dirigio a S. M. I. e C., certamente havia de ter mais pejo de fallar n’uma cousa, que elle interiormente detesta!! Mas coitado, vergonha na cara do Sr. Barros, he o mesmo que (a)!! Tal he o homem servil, e orgulhoso: elle he insuportavel quando poderoso.

Mas há outro aspecto muito importante na entrevista de Capistrano e que tem a ver com o primado da vergonha: a organização da sociedade moderna. Ele investe contra a industrialização e a vida na cidade, lamentando que “abandonámos a lavoura pela industria. Somos um povo infeliz”.

Quando o jornalista Boris Casoy repete seu bordão “Isto é uma vergonha!”, está pagando um tributo à milenar herança semita (judaica e árabe). Nessa tradição, os pais, mais do que repreender o filho com base em padrões éticos, filosóficos, de “princípios” etc., preferem simplesmente dizer: “O que você fez é uma vergonha!”. É que a vida nas aldeias do campo, completamente articulada com o todo da comunidade, torna a vergonha (a honra) um absoluto. Já quem vive, por exemplo, no anonimato de São Paulo (a grande São Paulo possui cerca de 22 milhões de habitantes) não sabe – e nem quer saber – de seus vizinhos e, em todo caso, só se preocupará talvez em não contratar a faxineira que presta serviços a outros no mesmo prédio, para prevenir fofocas.

Notemos também que, em uma sociedade tradicional, o insulto “você é um sem-vergonha” tinha, naturalmente, muito mais força. Hoje, porém, essa ofensa tende a perder força.

Vida que segue

Expressão amplamente usada para indicar a necessidade de aceitar mudanças, superar perdas ou situações indesejadas e continuar a vida. Embora frequentemente associada a eventos graves, também é empregada em contextos cotidianos para encorajar a resiliência e o desapego. A expressão carrega nuances emocionais que vão da resignação à esperança, podendo tanto refletir aceitação genuína quanto uma tentativa de minimizar a dor.

A primeira aparição da expressão na BN não poderia ser mais emblemática: em maio de 1973, os colegas estavam desolados com a saída de Gérson da Seleção Brasileira. Em um episódio no qual não faltaram intrigas da cartolagem, o “cérebro” por trás da conquista do tricampeonato e eleito o segundo melhor jogador da Copa do Mundo de 1970, não faria mais parte da equipe. É o próprio Gérson quem consola os companheiros:

“A saída de Gérson deixou um grande vazio na seleção, principalmente agora, quando ela mais precisava de sua liderança e experiência”. São palavras de Clodoaldo, bastante abatido com a saída do companheiro.

(...)

Ainda sobre a saída de Gérson, Clodoaldo afirmou que sente muito ter acontecido isso, e da maneira como aconteceu; mas, as palavras que Gérson disse, antes de sair das Paineiras, Clodoaldo não se cansa de repetir: “É a vida que segue. Boa sorte. Estarei torcendo por você”, deram-lhe outro estímulo.

(“Diário da Noite” RJ, 26-05-1973)

Lei de Gérson. Se Gérson foi quem lançou na imprensa a expressão “vida que segue”, ele ficou muito mais conhecido – e, infelizmente, por um motivo negativo – devido a uma outra sentença que proferiu em 1976, em uma peça publicitária dos cigarros Vila Rica. Passados 50 anos, essa frase ainda é lembrada: “Brasileiro gosta de levar vantagem em tudo, certo?”.

Posteriormente, Gérson se declarou arrependido, pois a frase foi assimilada pelo público como uma representação do “jeitinho brasileiro” – um modo de agir oportunista ou malandro – e já em 1980, aparece na BN como “a famosa ‘Lei de Gérson’, que recomenda levar vantagem em tudo” (“Tribuna da Imprensa” RJ, 02-03-1980).



Vira essa boca pra lá

Expressão usada na linguagem oral para repreender um comentário indesejado – pessimista ou agourento – de um interlocutor, buscando evitar até a mera menção de um mal cogitado, como por exemplo: “Se o Brasil perder da Venezuela, não se classifica para a Copa do Mundo”.

Na imprensa aparece sobretudo em entrevistas e diálogos recolhidos. Na BN sua primeira ocorrência dá-se em diálogo entre Nilton Santos, do Botafogo, prometendo, como presente de Papai Noel, estragar a festa do tetracampeonato do Flamengo de Dequinha:

O Natal – [Nilton Santos] continuando – está aí e meu “guri” já pediu os presentes a papai Noel. Como sabes, papai Noel não pode falhar numa hora dessas...

Dequinha, pondo as mãos as costas de Santos, exclama: — Sai dessa, professor! Vira essa boca pra lá. Não estás vendo que nós precisamos desta vitória para o tetra!

Santos: – Então vai tratando de meter os peitos, porque moleza de nossa parte não têm.

(“Jornal dos Sports” RJ, 18-12-1956)

Recebido para publicação em 22-05-26; aceito em 24-06-26